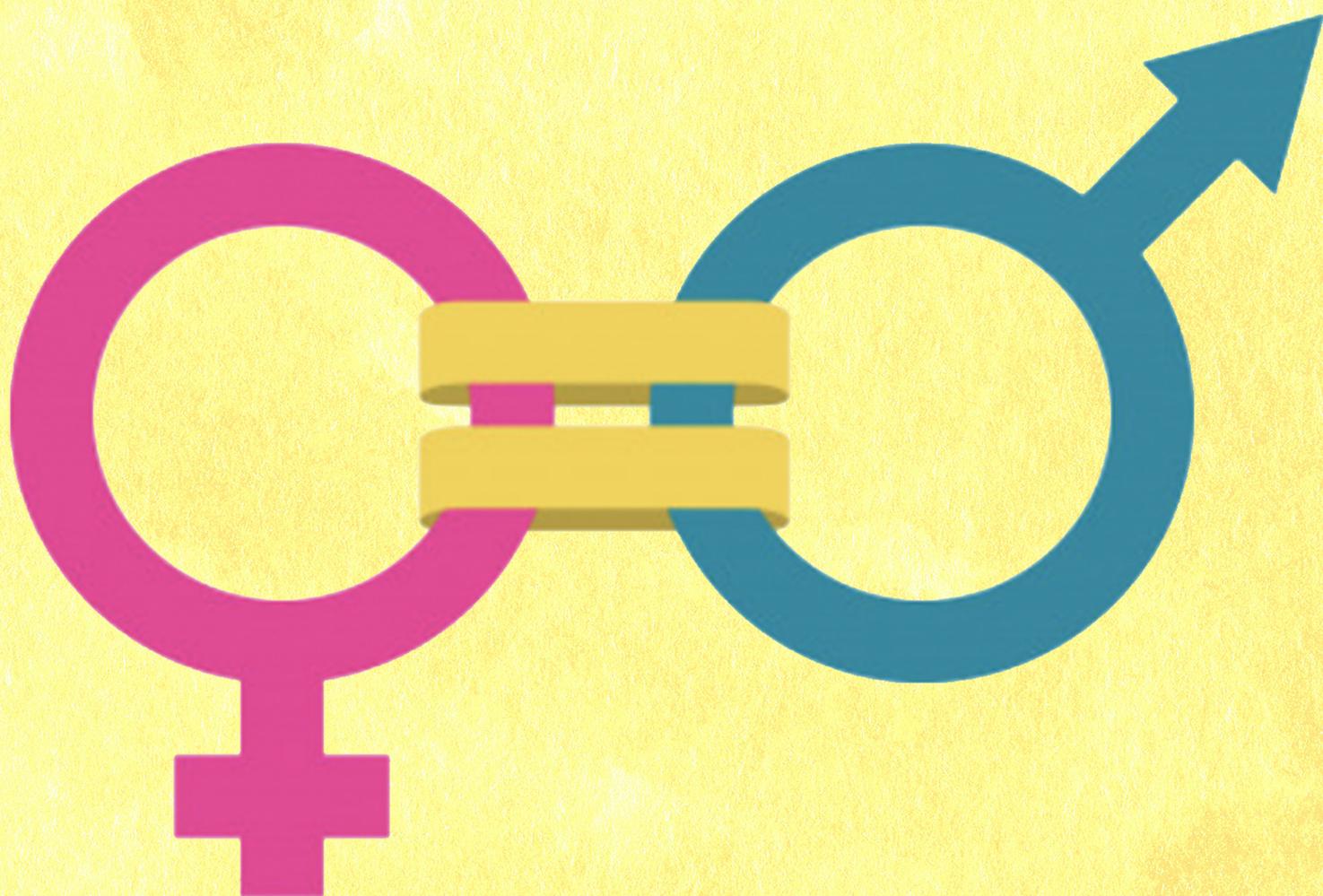


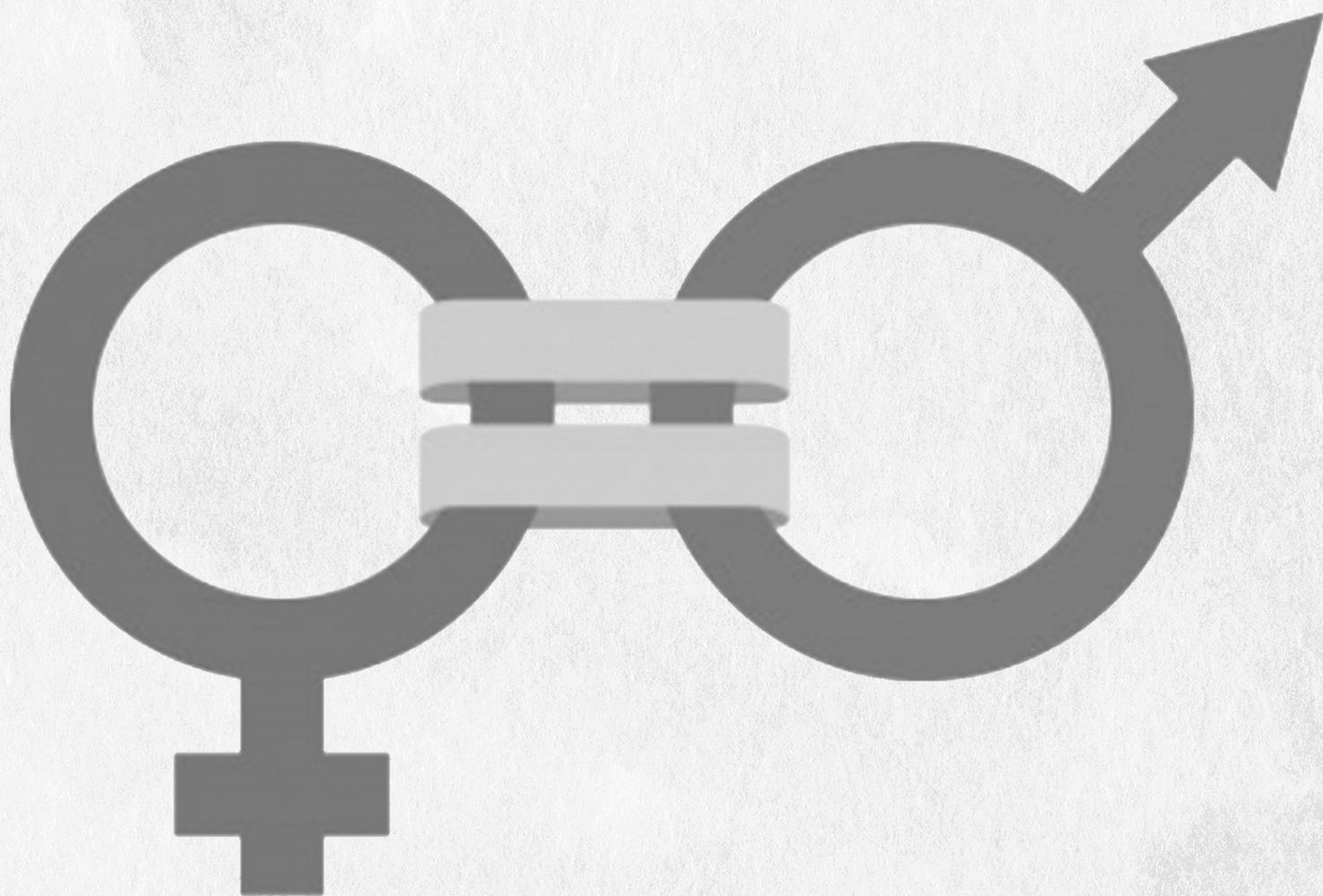
# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Lorena Prestes

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
M775r	<p>Monteiro, Solange Aparecida de Souza.            Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais            [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza            Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-058-2            DOI 10.22533/at.ed.582202205</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange            Aparecida de Souza..</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A temática pertinente **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS** é complexa que tem motivadora de debates na sociedade acerca de como abordar a problemática do gênero e sexualidade na educação. Uma educação democrática, pensa a escola como um ambiente rico em diversidade, visto que seu espaço é repleto de sujeitos em formação. Neste sentido, faz-se necessário elaborar estudos que estejam voltados para a discussão sobre a sexualidade, pensando em uma educação mais inclusiva, que pautado no reconhecimento plural das identidades, buscando a perspectiva de garantia de direitos para a construção de uma sociedade mais igualitária que reconheça e respeite a diversidade sexual e de gênero. A escola tem marcas de um ambiente de promoção e de construção do conhecimento, no qual se consolidam aprendizados em que se formam sujeitos em suas subjetividades em contextos culturais sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Deste modo a escola pode ocupar um papel central no desenvolvimento de seus alunos, e que em razão disto pode estimula-los a pensar criticamente sobre os discursos socialmente construídos e determinantes no sentido de , romper com a reprodução dos aspectos de uma moralidade que estimula a produção de desigualdade, preconceito e violência em nossa sociedade para a construção dos vínculos afetivos, as identificações sociais e principalmente a produção de subjetividades, contribuindo no desenvolvimento de uma cultura plural e de respeito a diversidade dentro de seu sistema de ensino. E assim, pensando nas possíveis manifestações da sexualidade presentes no cotidiano de crianças e adolescentes em contexto escolar, que surgem demandas de realizar uma reflexão acerca dos métodos e condutas adotados pela escola em lidar com esta temática.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões para temas de **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS**.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CULTURA UNIVERSITÁRIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos Fabio Rodrigues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5822022051	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
A METODOLOGIA NO TRUQUE: DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS EM UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA SOBRE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA ESPANHA.	
Maria Cecília Patrício DOI 10.22533/at.ed.5822022052	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
COLONIALIDADE DE GÊNERO: (UM)A CONSOLIDAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL	
Sarah Francine Schreiner Geanne Gschwendtner DOI 10.22533/at.ed.5822022053	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: DESCONSTRUINDO “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “MARXISMO CULTURAL”	
Rosiléa Agostinha de Araújo Lorena Kelly Alves Pereira Geovane Gomes de Araújo Glauberto da Silva Quirino DOI 10.22533/at.ed.5822022054	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
COMO A GENTE SE DIVERTE: CORPOS MASCULINOS EM WEBSITES DE CRUZEIROS LGBT	
Diego Santos Vieira de Jesus DOI 10.22533/at.ed.5822022055	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
GÊNERO E GESTÃO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM CARGOS DE GESTÃO NA INDÚSTRIA CATARINENSE	
Leonard Almeida de Moraes Juliano Keller Alvez Édis Mafra Lapolli DOI 10.22533/at.ed.5822022056	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
GÊNERO, RAÇA E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS EM ESCOLAS DE RIO BRANCO/ACRE	
Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cleyde Oliveira de Castro Murilena Pinheiro de Almeida DOI 10.22533/at.ed.5822022057	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS	
Meiriane Christine dos Santos Aguiar	
Isis Vanessa Nazareth	
Yasmin Alves de Oliveira Lopes	
Rejane Corrêa Marques	
Fabrícia Costa Quintanilha Borges	
Thayssa Cristina da Silva Bello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5822022058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
GÊNERO, SEXUALIDADE E HOMOFOBIA NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE NARRATIVAS DE LIVROS DE OCORRÊNCIA ESCOLAR	
Keith Daiani da Silva Braga	
Arilda Ines Miranda Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5822022059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>110</b>
OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE	
Kueyla de Andrade Bitencourt	
João Diógenes Ferreira dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58220220510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR	
Iara Luzia Henriques Pessoa	
Glauce Michelle Araújo Penha	
Carlos Alberto Gomes de Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58220220511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>129</b>
SILENCIAMENTOS: A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MENINAS E O CONTEXTO BRASILEIRO	
Joice da Silva Brum	
Nivia Valença Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58220220512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
GNOSIOLOGIA NAS INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE AGENDA DE PESQUISAS	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Claudionor Renato da Silva	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Valquiria Nicola Bandeira	
Marilurdes Cruz Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58220220513</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>151</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>152</b>

## OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

Data de aceite: 26/03/2020

### **Meiriane Christine dos Santos Aguiar**

Universidade Federal do Rio de Janeiro-  
UFRJ

Macaé – Rio de Janeiro

### **Isis Vanessa Nazareth**

Universidade Federal do Rio de Janeiro-  
UFRJ

Macaé – Rio de Janeiro

### **Yasmin Alves de Oliveira Lopes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro-  
UFRJ

Macaé – Rio de Janeiro

### **Rejane Corrêa Marques**

Universidade Federal do Rio de Janeiro-  
UFRJ

Macaé – Rio de Janeiro

### **Fabrcia Costa Quintanilha Borges**

Universidade Federal do Rio de Janeiro-  
UFRJ

Macaé – Rio de Janeiro

### **Thayssa Cristina da Silva Bello**

Universidade Federal do Rio de Janeiro-  
UFRJ

Macaé – Rio de Janeiro

**RESUMO: Objetivo:** Revisar os estudos sobre a objetificação do corpo feminino.

**Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa com recorte temporal de 2007 a 2018. **Resultados e Discussão:** A análise dos dados permitiu observar a influencia do patriarcado sobre o corpo feminino, levando as mulheres a uma situação de vulnerabilidade, e muitas vezes categorizadas por cor e hipersexualizadas. **Conclusão:** Criar e uma identidade forte pode não ser suficiente para reduzir o risco sexual se as meninas não puderem analisar criticamente as mensagens sociais que recebem. Esforços de prevenção são necessários para diminuição dos riscos associados a esses estereótipos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher; Objetificação; Empoderamento; Hipersexualização; Vulnerabilidade; Feminismo

OBJECTIFICATION OF THE FEMALE BODY: AN INTEGRATIVE REVIEW OF SCIENTIFIC PUBLICATIONS

**ABSTRACT: Objectives:** Review studies on the objectification of the female body. **Methods:** This is an integrative review with a time frame from 2007 to 2018. **Results and Discussion:** The analysis

of the data allowed to observe the influence of patriarchy on the female body, leading women to a situation of vulnerability, and often categorized by color and hypersexualized.

**Conclusion:** Creating and a strong identity may not be enough to reduce sexual risk if girls cannot critically analyze the social messages they receive. Prevention efforts are needed to reduce the risks associated with these stereotypes. **Descriptors:** Woman; Objectification; Empowerment; Hypersexualization; Vulnerability; Feminism.

## 1 | INTRODUÇÃO

A ideia de que mulheres podem ser tratadas como objetos, em função de seus atributos sexuais, tem atraído cada vez mais a atenção do público em geral (COGONI, CARNAGHI, MITROVIC, LEDER, FATONI, SILANI, 2018), especialmente por causa das importantes implicações em nível social (COGONI, CARNAGHI, MITROVIC, LEDER, FATONI, SILANI, 2018; WALBY, TOWERS, FRANCIS, 2016). Bartky (1990) definiu esse fenômeno como objetificação sexual: uma condição na qual as partes sexuais ou funções sexuais do indivíduo são separadas da pessoa, reduzidas ao status de meros instrumentos, como se fossem capazes de representá-lo. Nas últimas décadas, a comunidade científica começou a investigar os mecanismos cognitivos e as consequências associadas a esse fenômeno.

Para Beauvoir (1980), “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A frase referida, não somente retrata a transformação do ser enquanto indivíduo, mas também que a mulher é condicionada a ser mulher, a partir do momento em se descobre seu sexo no ventre de sua mãe. Sendo assim, é condicionada a estar em um padrão normativo e patriarcal.

Atualmente, há uma tendência na cultura ocidental de que as mulheres sejam representadas de maneira objetificada em interações sociais e apresentações de mídia de massa. Quando uma pessoa (sobretudo mulheres) é sexualmente vista desta forma, ela é provavelmente percebida como privada de sua mente e status moral (LOUGHNAN, HASLAM, MURNANE, VAES, REYNOLDS, SUITNER, 2010) que são características centrais que distinguem os seres humanos dos animais e das coisas não vivas. Uma vez objetificadas sexualmente, as mulheres gradualmente internalizam a perspectiva de um objetificador em seus próprios corpos, tornando-se preocupadas com sua própria aparência física, o que foi denominado por Fredrickson e Roberts (1997) como auto-objetificação.

A auto-objetificação pode, por sua vez, levar a consequências físicas, mentais e sociais (LOUGHNAN, VAES, 2017), como vergonha do corpo, ansiedade do corpo social (CALOGERO, 2004), redução do desempenho cognitivo (QUINN, KALLEN, TWENGE, FREDRICKSON, 2006; GAY, CASTANO, 2010) transtornos alimentares e depressão (PEAT, MUEHLENKAMP, 2011).

Aos olhos dos objetificadores, as mulheres objetificadas têm menos calor humano, competência e humanidade do que suas contrapartes não objetificadas

(HEFLICK, GOLDENBERG, 2009; LOUGHNAN, HASLAM, MURNANE, VAES, REYNOLDS, SUITNER, 2010; HEFLICK, GOLDENBERG, COOPER, PUVIA, 2011; VAES, PALADINO, PUVIA, 2011). Além disso, os objetificados compartilham essa visão e se veem da mesma maneira como são vistos por seus objetificadores: como carentes de competência, moralidade e humanidade (LOUGHNAN, VAES, 2017).

Devido aos seus efeitos nocivos generalizados, especialmente nas mulheres, a objetificação sexual tem atraído cada vez mais atenção em estudos científicos nos últimos anos. Desta forma, esta pesquisa tem como objeto: “A objetificação do corpo feminino”.

Assim, para dar direcionamento ao estudo propõem-se a seguinte questão norteadora: “O que refletem as publicações científicas sobre objetificação do corpo feminino?”.

## **1.1 OBJETIVO**

Revisar os estudos sobre a objetificação do corpo feminino.

## **1.2 JUSTIFICATIVA**

As discussões sobre o tema da objetificação do corpo feminino no Brasil são mínimas. Durante décadas as mulheres lutam pelo espaço na sociedade, tentando ampliar novas conquistas feministas, para que os direitos sejam usufruídos pelas próximas gerações (BIRMAN, 2008). O movimento feminista é o movimento social, político e econômico que mais contribui e alimenta o conhecimento do mundo feminino. Quando falamos sobre o corpo e subjetividade da mulher, o movimento feminista se torna o principal protagonista, desempenhando o papel de luta e conscientização da imagem da mulher na sociedade, criticando a influência dos meios de comunicação na propagação da imagem feminina nos moldes patriarcal (MULLER, POLATO, 2018).

Evidências da objetificação sexual de mulheres podem ser encontradas em praticamente todos os lugares, inclusive na mídia, nas experiências interpessoais, no ambiente social e subculturas específicas dentro da cultura ocidental, onde a sexualização das mulheres é cultivada e culturalmente tolerada. O melhor exemplo são os anúncios de produtos de consumo que mesmo quando se tratam de produtos masculinos, a presença de mulheres, quase sempre seminuas, são obrigatórias.

Além disso, as mulheres retratadas na mídia são frequentemente alvo de comentários sexistas de homens (por exemplo, uso de palavras depreciativas para descrever mulheres), observações sexuais (através de comentários sobre partes do corpo) e comportamentos (assédio).

Imbricado a esses fatores, faz-se necessário considerar a importância na colaboração para pesquisas com discussões dos arranjos sociais de gênero na sociedade brasileira.

## 2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. A obtenção da produção científica aconteceu por busca bibliográfica nas bases de dados da BVS – Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE); e Base de Dados de Enfermagem (BDENF) durante os meses de março a abril de 2019. O intervalo temporal não foi predeterminado com o intuito de apurar, nas bases de dados, o início da produção científica e difusão da temática em questão.

Como estratégia de busca relacionada à objetificação do corpo feminino, utilizaram-se certos Descritores com base na interface de pesquisa avançada via formulário iAH, aplicando-se os operadores booleanos *or/and*. Os descritores selecionados foram: Sexualidade; Mulher; Feminismo. O ajuizamento dos achados científicos relacionados ao tema proposto foi realizado por duas pesquisadoras independentes.

**Critérios de inclusão:** Artigos científicos originais, publicados em Português, independentemente do método de pesquisa utilizado.

**Critério de exclusão:** Registros duplicados, que não contemplaram a objetificação do corpo feminino, bem como editoriais e resumos de anais.

Para a extração e caracterização da amostra, foi elaborada uma ficha de análise documental composta pelas seguintes variáveis: ano de publicação, procedência da produção; objetivo da investigação; resultados do estudo.

Após leitura analítica e interpretativa, os resultados e discussão foram apresentados de forma descritiva, com o objetivo de permitir a aplicabilidade deste trabalho em benefício da prática de enfermagem e demais profissionais da saúde.

## 3 | RESULTADOS

A partir da busca foram encontrados 17 estudos, sendo 8(47%) publicados na LILACS, 4(24%) na SciELO, 5(29%) na MEDLINE. Os 17 artigos foram submetidos, por sua vez, a leitura minuciosa dos títulos e resumos. Destes, somente 13 eram artigos científicos originais, publicados na íntegra em Português. Fez-se, então, a leitura das 13 publicações, das quais 4(31%) se encontram na LILACS; 3(23%) na SciELO e 6(46%) na MEDLINE, desse quantitativo, apenas 9(69%) se adequaram a todos os critérios de inclusão. Vale destacar que duas publicações da LILACS também se encontravam na SciELO e, pela duplicidade, não foram consideradas.

Pontua-se que os 9(69%) artigos identificados foram publicados entre os anos de 2007 a 2018. Com relação à variável procedência da produção, observa-se, a distribuição das pesquisas no quadro 1.

**Quadro 1. Artigos publicados em periódicos nacionais sobre objetificação do corpo feminino no período de 2007 a 2018. Macaé, Brasil, 2019.**

<b>Autores, ano, local.</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Resultados</b>
Janja; Cesídio, 2007. Ceará.	Discutir as transformações da subjetividade e da relação da mulher com seu corpo ao longo da história.	Da subjetividade de um corpo feminino recatado e dominado pelos interesses do sistema patriarcal, passamos, em grande parte, a uma subjetividade e a um corpo que, frequentemente, se adequa aos modelos impostos pela cultura contemporânea, através dos meios de comunicação de massa.
Braga, 2009. México.	Abordar as relações de poder que perpassam a apropriação social do corpo, a partir de variáveis como gênero e classe.	As mulheres são objetos simbólicos das construções dos modos de enunciação de diferentes saberes constituintes da dominação masculina e o efeito dessa estrutura coloca a mulher em um estado perene de insegurança corporal.
BERNARDES, J.G.; CARLOS, P.P.; ACCORSSI, A., 2015. Goiânia.	Analisar os sentidos atribuídos ao gênero no funk (dança) que permeiam as aulas e apresentações dessa dança em uma comunidade de periferia	O ensino da dança pode ser um importante instrumento de transformação dos jovens, pois há grande satisfação por parte deles em participar das oficinas de funk, por outro lado, pode representar mais um espaço de dominação e naturalização de lugares sociais que reforçam as diferenças de gênero.
Connell, 2015. Portugal	Discutir os arranjos sociais de gênero.	O desenfreado poder neoliberal conduz a novos níveis de mercantilização dos corpos e a novos padrões de violência de gênero.
Silva, 2017. Paraíba.	Refletir acerca da representação da mulher na publicidade da cerveja Itaipava, a partir do papel da personagem Verão, garota propaganda da marca.	A personagem feminina hipersexualizada é transformada em mulher objeto, cuja função é servir aos homens. A propaganda mostrava a imagem feminina ligada ao ato de servir, fomentando a importância da beleza, resumindo a mulher a um ser submisso e para ser apreciado, refletindo e fortalecendo a visão machista existente em nossa sociedade, usando o humor como justificativa para a subvalorização da mulher.
Bandeira, 2017. Niterói.	Refletir sobre as situações de violências identificadas no interior dos campi universitários	Evidenciou a centralidade na sexualização das jovens e preconceitos em relação à condição racial e de gênero.
BRISTOT, P.C.; POZZEBON, E.; FRIGO, L.B., 2017. Curitiba.	Discutir os fatores que afastam ou aproximam as mulheres dos games, bem como os fatores que fazem com que elas não sejam reconhecidas como gamers.	Os games têm se caracterizados por serem mais um meio a propagar a hipersexualização e objetificação da mulher.
Muller e Polato 2018. São José do Rio Preto.	Analisar a representação da mulher negra em uma propaganda de cerveja brasileira	Na propaganda analisada, o papel da mulher é servir o homem sexualmente.

Birman, 2018. Rio de Janeiro.	Problematizar as novas formas de práticas sexuais e suas relações com as modalidades de subjetivação na contemporaneidade, enfatizando as mudanças produzidas pelos movimentos feminista, homossexual e transexual.	As proposições teóricas e éticas do feminismo, do homossexualismo e do transexualismo colocaram em questão diversos conceitos e até mesmo pressupostos teóricos da psicanálise, de forma que diante disso o discurso psicanalítico pode ser criticado e mesmo se reconstruir, pela incorporação crítica do que é enunciado por esses discursos.
-------------------------------	---	---

## 4 | DISCUSSÃO

É notório nas produções revisadas que a objetificação e a hipersexualização contribui para estereótipos de gênero prejudiciais que normalizam a violência contra meninas e mulheres. Embora todas as mulheres ocidentais vivam em uma cultura de objetificação, nem todas as mulheres são igualmente afetadas por ela. Para Fredrickson e Roberts (1997), existem diferenças individuais nas experiências de auto-objetificação das mulheres e suas consequências. Isso ocorre porque determinados ambientes ou subculturas (aqueles que chamam a atenção para o corpo) aumentam a probabilidade de experimentar a auto-objetificação.

Braga (2009) argumenta que os anúncios na mídia podem definir a medida daquilo que uma cultura considera normal. Quando a mídia reforça as dinâmicas de poder que degradam e prejudicam as mulheres e fazem com que a violência baseada em gênero pareça trivial, reduz a probabilidade de que atos de violência contra meninas e mulheres – especialmente atos de violência sexual – sejam relatados.

Os estudos de Janja e Cesídio (2007), BristoT, Pozzebon, Frigo, (2017) e Muller, Polato (2018) mostram que, infelizmente, a mídia não está capacitando as mulheres. A mídia envia a mensagem de que as meninas devem ser bonitas e notadas. E isso torna-se prejudicial, não apenas para uma garota e seu desenvolvimento, mas também para nossa cultura em geral.

Estudo recente realizado nos Estados Unidos aponta evidências de que as mulheres negras são sexualmente objetificadas pelos brancos em um grau maior do que as mulheres brancas. A pesquisa procurou investigar o estereótipo de Jezebel – a crença de que as mulheres negras são naturalmente promíscuas e hipersexuais (ANDERSON, HOLLAND, HELDRETH, JOHNSON, 2018). Os autores apresentaram evidências de que o efeito animalesco de desumanização é mais forte para as mulheres negras do que as mulheres brancas. Os resultados são consistentes com os achados de Muller e Polato (2018), quanto a análise da representação da mulher negra em propaganda de bebida alcoólica no Brasil.

Além disso, a exploração sexual e vitimização de mulheres negras desde os dias da escravidão até o presente levou a imagens da mídia e estereótipos de mulheres negras como agressoras sexuais ou selvagens sexuais (GREENE, 1994; THOMAS, WITHERSPOON, SPEIGHT, 2004; MULLER, POLLATO 2018). Em contraste, as mulheres asiáticas são frequentemente retratadas na mídia como sexualmente

subservientes, infantis e exóticas (ROOT, 1995). Além disso, as mulheres em posições de classe social mais baixas são frequentemente consideradas grosseiras, excessivamente sexuadas, indomáveis, cruas e merecedoras de exploração sexual e agressão (PHARR, 1988; SMITH, 2008; SZYMANSKI, MOFFITT, CARR, 2011).

Uma recente análise de conteúdo revelou que mais de um terço das mulheres negras apresentadas nos vídeos são retratadas de maneira sexualizada, em comparação com menos de um quarto das mulheres brancas (TURNER, 2011). Os resultados Muller e Polato (2018) também demonstram que isso pode alimentar a objetificação de mulheres negras, pelo menos em sua manifestação visual. Assim, os esforços para reduzir a sexualização das mulheres negras na mídia podem ser eficazes na mitigação de sua objetificação.

Embora a objetificação não afete todas as mulheres igualmente, Fredrickson e Roberts (1997) postularam que quase nenhuma mulher pode evitar o olhar objetificador devido a sua natureza sutil e onipresença. O olhar pode ocorrer diretamente nos encontros interpessoais ou indiretamente através da exposição a conteúdos midiáticos sexualmente depreciativos que se impõem aos espectadores.

Além disso, quando objetificadas, as mulheres tendem a adotar a visão do observador e a se tratar como objetos a serem olhados e avaliados (VOLPATO, ANDRIGHETTO, 2015). A auto-objetificação também pode ser considerado como um processo pelo qual mulheres e meninas aprendem a pensar em si mesmas como instrumentos para o desejo dos outros (CALOGERO, 2010).

Muller e Polato (2018) lembram que a mulher não era dona do seu corpo, e que em pleno século XIX, ela obedecia ao que era determinado pelo seu cônjuge e na ausência deste, o pai era o responsável pela tomada de decisões. O papel feminino se resumia a trabalhos domésticos e gerar filhos. Birman (2018) argumenta que as mulheres eram consideradas pessoas com menor conhecimento intelectual, quando comparado aos homens, justificando-se assim a restrição e a subordinação das funções.

O corpo e sua subjetividade são construídos a partir de cada momento histórico e variam de sociedade para sociedade (BIRMAN, 2018). Historicamente, a auto-objetificação deriva da subordinação feminina típica de muitas sociedades e do fato de que a atração física tem sido histórica e tradicionalmente um dos poucos meios disponíveis para as mulheres ganharem poder e mobilidade social (VOLPATO, ANDRIGHETTO, 2015; JANJA, CESÍDIO, 2007). No entanto, essa estratégia leva meninas e mulheres a focarem o aspecto físico, negligenciando outras possíveis qualidades. Se a auto-objetificação foi talvez útil no passado, quando as mulheres tinham poucas possibilidades de evitar os papéis forçados, hoje pode prejudicar a saúde física e mental trazendo ansiedade, distúrbio da imagem, distúrbios alimentares, deterioração das relações sociais e ocupacionais e em casos mais graves, pode levar ao suicídio como citam Muller e Polato (2018).

Vários estudos que examinam representações de mulheres na mídia, incluindo

comerciais em horário nobre televisivo, programas, filmes, letras de música e vídeos, revistas, publicidade, mídia esportiva, jogos de vídeo e sites da rede mundial de computadores (DAVIS, 2018; MULLER, POLATO, 2018; BRISTOT, POZZEBON, FRIGO, 2017; BANDEIRA, 2017; SILVA, 2017; BERNARDES, CARLOS, ACCORSSI, 2015) revelou que as mulheres mais frequentemente do que os homens são retratadas em maneiras sexualizantes e objetificadoras (por exemplo, vestindo roupas reveladoras e provocativas, retratadas de maneiras que enfatizam suas partes do corpo e prontidão sexual ou servindo como objetos decorativos).

BURNAY, BUSHMAN, LAROI (2019) analisaram as consequências do conteúdo sexualizado de videogames no assédio sexual online contra alvos masculinos e femininos, constatando que os níveis de assédio sexual em relação a uma parceira feminina foram maiores para os participantes que jogaram o jogo com personagens femininos sexualizados do que para os participantes que jogaram o mesmo jogo com personagens femininos não sexualizados. Assim como Bristot, Pozzebon, Frigo (2017), os achados de Burnay, Bushman, Laroï (2019) indicam que a sexualização de personagens femininas em um videogame pode ser uma condição suficiente para provocar assédio sexual online contra as mulheres.

Essa objetificação sexual frequentemente cruza com outras identidades socioculturais, como orientação sexual, raça / etnia e classe social, para formar conjuntos únicos de retratos de mídia e experiências para subgrupos de mulheres (FREDRICKSON, ROBERTS, 1997). Por exemplo, os relacionamentos femininos com pessoas do mesmo sexo tornaram-se cada vez mais sexualizados, explorados e usados na mídia para direcionar algumas fantasias masculinas de se envolver sexualmente com duas ou mais mulheres ao mesmo tempo (SZYMANSKI, MOFFITT, CARR, 2011).

É assustador o quão profunda é a objetificação das mulheres. Certamente se deve combater a objetificação sexual, no entanto, as mulheres são objetificadas de maneiras mais profundas do que é divulgado, e por isso há de se derrubar cada fragmento emaranhado de patriarcado a fim de alcançar o objetivo de reconhecê-las como “mulheres” e não como “objetos”.

Apesar de sermos considerados como uma sociedade moderna, ainda se identifica muito atrasos quando se desvela tais práticas. Para evitar isso, algumas medidas podem ser tomadas pela mídia e pela sociedade, a começar em retratar as mulheres em papéis positivos e construtivos, pois a sociedade subconscientemente segue o que a mídia transmite. Imagens em movimento sob a forma de vídeos têm um grande impacto nas comunidade social e cultural de um país (BERNARD, CONTENT, DELTENRE, COLIN, 2018; COGONI, CARNAGHI, MITROVIC, LEDER, FATONI, SILANI, 2018; LOUGHNAN, HASLAM MURNANE, VAES, REYNOLDS, SUITNER, 2010).

Além disso, deve-se promover coletivamente a integridade das mulheres e capacitá-las a se defenderem. Em última análise, a sociedade deve promover um

desenvolvimento holístico das mulheres, criando um ambiente propício à mudança de pensamento, inclusive as famílias precisam mudar e avançar para além da mentalidade patriarcal, aceitando uma mulher respeitável e livre nas suas escolhas.

## 5 | CONCLUSÃO

Os artigos selecionados para essa revisão revelaram relações significativas entre imagens estereotipadas, colorismo e risco sexual, além das interações entre componentes de identidade e estereótipos, que aumentam o risco sexual no contexto dos componentes de identidade.

Os resultados sugerem que o empoderamento sexual pode não ser suficiente para reduzir o risco sexual se as meninas não puderem analisar criticamente as mensagens sociais que recebem. Esforços de prevenção são necessários para diminuição dos riscos associados a esses estereótipos.

Espera-se que os achados desses estudos entrem em ressonância com acadêmicos e profissionais de áreas da saúde para também atuarem como um catalisador para futuras pesquisas nessa área e que possam ajudar os formuladores de políticas a lidar com as desigualdades de gênero que podem ser impulsionadas por processos fora do âmbito das cognições conscientes.

## REFERÊNCIAS:

ANDERSON, J.R.; HOLLAND, E.; HELDRETH, C.; & JOHNSON, S.P. (2018). Revisiting the Jezebel Stereotype: The Impact of Target Race on Sexual Objectification. *Psychology of Women Quarterly*, 42(4), 461–476. <https://doi.org/10.1177/0361684318791543>.

BAKER, M. J. *Administração de Marketing*. Edição: 5. Editora: Elsevier. São Paulo 2005.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Trotes, assédios e violência sexual nos campi universitários no Brasil. *GÊNERO.*, Niterói, v.17, n.2, p. 49 – 79, 1. sem. 2017.

BARTKY, S.L.; *Femininity and domination: Studies in the phenomenology of oppression*: Psychology Press; 1990.

BEAUVOIR, S. de. *O Segundo Sexo, v.I, II*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERNARD, P.; CONTENT, J.; DELTENRE, P.; and COLIN, C.; (2018). When the body becomes no more than the sum of its parts: the neural correlates of scrambled versus intact sexualized bodies. *Neuroreport* 29, 48–53. doi: 10.1097/WNR.0000000000000926.

BERNARDES, J.G.; CARLOS, P.P.; ACCORSSI, A. Funk: engajamento juvenil ou objetivação Feminina? *Inter-Ação*, Goiânia, v. 40, n. 2, p. 355-368, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v40i2.32808>>.

BIRMAN, J. Sexualidade na contemporaneidade. *Cad. Psicanál. (CPRJ)*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 137-159, jan./jun. 2018.

BORIS, G.J.B.; CESIDIO, M.H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à

contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza*, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007.

BRAGA, A. Corpo, mídia e cultura. *RAZÓN Y PALABRA.*, vol. 14, núm. 69, julio-agosto, 2009. Acesso em: 23 de maio de 2019. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199520330062>> ISSN 1605-4806.

BRISTOT, P.C.; POZZEBON, E.; FRIGO, L.B. A Representatividade das Mulheres nos Games. *SBGames.*, Curitiba, November 2nd - 4th, 2017.

BURNAY J.; BUSHMAN, B.J.; LAROI F. Effects of sexualized video games on online sexual harassment. *Aggress Behav.* 2019 Mar;45(2):214-223. doi: 10.1002/ab.21811.

CALOGERO, R. M. (2010). A test of objectification theory: the effect of the male gaze on appearance concerns in college women. *Psychol. Women Q.* 28, 16–21. doi: 10.1111/j.1471-6402.2004.00118.

CIKARA M.; EBERHARDT J.L.; FISKE S.T. From agents to objects: sexist attitudes and neural responses to sexualized targets. *Journal of Cognitive Neuroscience.* 2011;23(3):540–51. doi: 10.1162/jocn.2010.21497 .

COGONI, C.; CARNAGHI, A.; MITROVIC, A.; LEDER, H.; FATONI, C.; & SILANI, G. (2018). Understanding the mechanisms behind the sexualized-body inversion hypothesis: The role of asymmetry and attention biases. *PloS one*, 13(4), e0193944. doi:10.1371/journal.pone.0193944.

COMAS-DÍAZ, L.; & GREENE, B. (Eds.). (1994). *Women of color: Integrating ethnic and gender identities in psychotherapy.* New York, NY, US: Guilford Press.

CONNELL, R.; Género e corporificação na sociedade mundial *Revista Lusófona de Estudos Culturais.*, vol. 3, n. 1, p. 281 – 287, 2015.

COSTA, M.; FERREIRA, R.; *Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra.* *Pesqui. prá. Psicossociais.* vol.9 n.2 São João del-Rei dez. 2014.

DAVIS, S. E. (2018). Objectification, Sexualization, and Misrepresentation: Social Media and the College Experience. *Social Media + Society.* <https://doi.org/10.1177/2056305118786727>

FREDRICKSON, B. L.; and ROBERTS, T. A. (1997). Objectification theory: toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychol. Women Q.* 21, 173–206. doi: 10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x

GAY, R. K.; and CASTANO, E. (2010). My body or my mind: the impact of state and trait objectification on women's cognitive resources. *Eur. J. Soc. Psychol.* 40, 695–703. doi: 10.1002/ejsp.731.

HEFLICK, N. A.; and GOLDENBERG, J. L. (2009). Objectifying Sarah Palin: evidence that objectification causes women to be perceived as less competent and less fully human. *J. Exp. Soc. Psychol.* 45, 598–601. doi: 10.1016/j.jesp.2009.02.008

HEFLICK, N. A.; GOLDENBERG, J. L.; COOPER, D. P.; and PUVIA, E. (2011). From women to objects: appearance focus, target gender, and perceptions of warmth, morality and competence. *J. Exp. Soc. Psychol.* 47, 572–581. doi: 10.1016/j.jesp.2010.12.020

JANJA, G.; HOLANDA, M. *Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade.* *Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. VII – Nº 2 – p. 451-478 – set/2007.*

LOUGHNAN S.; HASLAM N.; MURNANE T.; VAES J.; REYNOLDS C.; SUITNER C. Objectification leads to depersonalization: The denial of mind and moral concern to objectified others. *European*

Journal of Social Psychology. 2010;40(5):709–17. doi: 10.1002/ejsp.755, 2010.

LOUGHNAN, S.; and VAES, J. (2017). Objectification: seeing and treating people as things. *Br. J. Soc. Psychol.* 56, 213–216. doi: 10.1111/bjso.12205

MULLER, P.; POLATO, A. D. M. Representação da mulher negra em propaganda: signos ideológicos e axiologias sociais na leitura e na análise linguística. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 498- 516, 2018.

PEAT, C. M.; and MUEHLENKAMP, J. J. (2011). Self-objectification, disordered eating, and depression: a test of mediational pathways. *Psychol. Women Q.* 35, 441–450. doi: 10.1177/0361684311400389

PEREIRA, A.L.; BACHION, M. M. Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 27, n. 4, p. 491, 2006.

PHARR, S. *Homophobia: A Weapon of Sexism* (1988). Published by Chardon Press Berkeley, California.

PLOUS, S.; NEPTUNE, D. Racial and gender biases in magazine advertising. *Racial and Gender Biases in Magazine Advertising: A Content-Analytic Study. Psychology of Women Quarterly*, 21(4), 627–644.

QUINN, D. M.; KALLEN, R. W.; TWENGE, J. M., AND FREDRICKSON, B. L. (2006). The disruptive effect of self-objectification on performance. *Psychol. Women Q.* 30, 59–64. doi: 10.1111/j.1471-6402.2006.00262.x

SILVA, M.A.R.; COSTA, L.R.C. Publicidade, empoderamento feminino e o reposicionamento da cerveja Itaipava. 2017. Ano XIII, n. 09. Setembro/2017. NAMID/UFPB - <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>

SOUZA M.T.; SILVA M.D.; CARVALHO R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*. 2010; 8 (1 Pt1): 102-106.

SZYMANSKI, D. M.; MOFFITT, L. B.; & CARR, E. R. (2011). Sexual Objectification of Women: Advances to Theory and Research 1ψ7. *The Counseling Psychologist*, 39(1), 6–38. <https://doi.org/10.1177/0011000010378402>

THOMAS, A. J., WITHERSPOON, K. M., & SPEIGHT, S. L. (2004). Toward the Development of the Stereotypic Roles for Black Women Scale. *Journal of Black Psychology*, 30(3), 426-442.

VAES, J.; PALADINO, P.; and PUVIA, E. (2011). Are sexualized women complete human beings? Why men and women dehumanize sexually objectified women. *Eur. J. Soc. Psychol.* 41, 774–785. doi: 10.1002/ejsp.824

VOLPATO, C.; ANDRIGHETTO, L. *Humanization in International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences (Second Edition)*, 2015

WALBY, S.; TOWERS, J.; FRANCIS, B. Is Violent Crime Increasing or Decreasing? a New Methodology to Measure Repeat Attacks Making Visible the Significance of Gender and Domestic Relations. *British Journal of Criminology*. 2016;56(6):1203–34. doi: 10.1093/bjc/azv13, 2016.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adolescentes 5, 104, 115, 117, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 148

Agenda 15, 40, 41, 45, 48, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

### B

Brasileiro 18, 22, 32, 34, 48, 104, 130, 136, 140

### C

Catarinense 64, 65

Colonialidade de gênero 27, 29, 32, 34, 36

Corpo 3, 11, 13, 17, 23, 24, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 74, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 106, 115, 109, 120, 121, 127, 135

Corpos masculinos 6, 50, 51, 57, 58, 60

Cultura universitária 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

### E

Educação Sexual 15, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

escolar 5, 2, 8, 46, 79, 80, 84, 85, 86, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 141, 142, 144, 146, 147, 148

Escolar 98, 99, 103, 109, 121, 151

Etnografia multisituada 17, 18

### F

Feminino 3, 4, 26, 32, 33, 36, 37, 47, 55, 57, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 89, 90, 91, 93, 97, 101, 102, 107, 124, 125, 130, 131, 135, 136, 137, 138

Formação docente 1, 4, 5, 10, 11

### G

Gênero 3, 1, 15, 16, 25, 28, 37, 38, 44, 48, 49, 79, 86, 98, 108, 121, 128, 129, 134

Gnosiologia 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150

### H

Homofobia 43, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109

### I

Ideologia 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49

Inclusão 53, 65, 75, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 90, 114, 127

Indústria 64, 65, 69, 71, 74, 77

Integrativa 87, 90, 97

Investigações 144, 145, 147, 148

## M

Marcos sociais 110, 111, 112, 113, 115, 116

Marxismo cultural 39,40, 41, 43, 44, 45, 46, 48

Memória 25, 31, 42, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

Metodologia 1, 4, 17, 20, 26, 78, 80, 141, 144, 151

Mulheres 2, 3, 4, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 101, 109, 117, 124, 125, 129, 133, 135, 137, 138, 148

## P

Pesquisa 1, 4, 8, 9, 11, 14, 18, 19, 20, 21, 23, 28, 35, 39, 42, 48, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 75, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 98, 99, 104, 105, 108, 118, 120, 122, 123, 130, 131, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

Pessoas com deficiências 81, 82

Pós-verdade 39, 40, 42, 43, 48

Proposta 16, 18, 30, 61, 70, 81, 84, 105, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Psicologia escolar 121, 127, 128

Publicações científicas 89

## R

Raça 6, 30, 37, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 94, 121, 122, 123, 124, 131, 135

## S

Sexualidade 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 34, 39, 41, 45, 47, 48, 52, 53, 60, 62, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 116, 118, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

## T

Transexualidade 110, 112, 113, 114, 115, 120, 128

Travestis brasileiras 17, 18, 19, 21, 22, 25

Truque 22, 25

## V

Violência 5, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 53, 57, 60, 91, 92, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 116, 117, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Violência de gênero 33, 34, 91, 130, 134, 135, 137

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**